

O CARRASCO DE CAMUS

RUBEM BRAGA

ACHA Camus um sinal dos tempos o fato de haver o carrasco de Paris ameaçado entrar em greve, juntamente com outros funcionários, se não lhe concedessem um certo posto administrativo. Quer ser chefe de seção. Não é mais o personagem terrível, sombrio e envergonhado de antigamente: é um funcionário banal, cuja tarefa consta da rotina e da doutrina do mundo de hoje.

Se o carrasco antigamente era terrível não era pelo fato de matar. Era pelo fato de matar sem paixão e sem prazer, a frio e a seco, dentro da lei e da técnica. Conheci um matador profissional, do sertão, um homem que, por dinheiro, tinha praticado seis ou sete assassinios. Conversei com ele. Deu-me a impressão engraçada de estar um pouco lisonjeado e também perturbado pelo fato de lhe atribuírem um número muito maior de mortes. Falava sobre isso de um modo irônico; negava e ao mesmo tempo procurava dar a entender que era verdade.

Sua incoerência era sensível. Se a gente dizia que ele já tinha matado mais de 50 pessoas ele dizia que não, que o que, acho que nem 40, o povo exagera muito. Se a gente lhe atribuía 30 mortes ele modestamente achava que não tinha chegado nem a 25. E sempre ria, dizendo que ia fazer a conta.

Interroguei-o sobre algumas de suas vítimas, perguntando se não tivera pena de matar uma pessoa contra a qual não tinha nada. Isso o irritava um pouco. Achava quase sinceramente que sim, que tinha motivo para matar. Em primeiro lugar, a vítima fizera algum malfeito ao mandante, pois este não iria gastar dinheiro para assassinar uma pessoa que não estava lhe fazendo mal algum. Afinal, a vítima era um "cabra ruim" e perigoso, que ele não tinha dificuldade em odiar desde o momento em que tratava o crime. Passava a ser seu inimigo; podia ser assassinado por ele. Cheguei à conclusão de que ele

matava com susto e com raiva. De que ele mesmo tinha necessidade de fabricar esse medo e esse ódio para poder matar. Só depois de matar passava a sentir desprezo pelo morto.

Era fácil descobrir naquele assassino profissional muitos pontos de honra, inclusive um certo sentimento heróico da própria profissão. Afinal, era um homem e escolhera uma profissão viril e perigosa.

O carrasco burocrático de Paris também sentirá a mesma necessidade de ter uma certa raiva da vítima? Poderíamos fazer a mesma pergunta, talvez com mais interesse, aos outros carrascos, aos grandes carrascos do mundo de hoje, os carrascos mentais. Refiro-me aos partidários políticos — esses que admiram e estimam um homem, que o vêem com simpatia e até amizade e subitamente são avisados pelo jornal oficial de que ele é um ser detestável, infame, que deve ser odiado. Passam então, imediatamente, a odiar aquele homem — porque isso é uma palavra de ordem emanada de autoridade superior na organização. Dentro de um ou dois meses esse ódio é tão sincero, tão enraizado e múltiplo como se fôsse um ódio antigo, entre duas espécies animais diferentes.

Essa necessidade de usar uma carga emocional contra o adversário, transformando-o em inimigo, em imundo, em intocável, é muito sensível. A poucos bastam os motivos "doutrinários" para justificar o assassinio. As grandes massas de fanáticos que apoiam os grandes crimes, e que os possibilitam, sentem também a necessidade de ódio, para não ter culpa. É terrivelmente cômico em detalhes. Mas em conjunto prova que os desumanizadores do homem ainda não conseguiram muito... O grosso da humanidade ainda precisa, como aquele capanga sertanejo, de tomar sua cachaça e ter medo e ter raiva para matar... Por dinheiro. Dinheiro, petróleo ou batatas.

O carrasco chefe de seção, letra O, com direito a empréstimo do IPASE e licença-prêmio — nem por isso deixará de ser menos repugnante. Mas o que repugnará nele ao cidadão comum, e o cercará de desprezo, não são os seus crimes. Será o fato de ele não insultar a vítima, não cuspir no seu rosto, não conseguir ter uma raiva sincera de quem mata — quando isso, afinal de contas, é tão fávil...